COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

[Recensão crítica a 'Ventilador', de Carlos Alberto Machado]

Inês Dias

Para citar este documento / To cite this document:

Inês Dias, "[Recensão crítica a 'Ventilador', de Carlos Alberto Machado]", *Colóquio/Letras*, n.º 161/162, Jul. 2002, p. 447-448.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

que se condensam na imagem do «Hades», o título da penúltima etapa. Passa-se a uma atitude de desafio, impregnada de humor, que perpassa sobretudo em poemas como os três «À maneira de Edgar Lee Masters», onde podemos aprender, por intermédio de uma professora, que «'os acontecimentos / históricos tendem a reproduzir-se mas trazendo de cada vez / uma nota de imprevisível humor. Sem o que a vida / não seria mais do que rancor, fracasso e aborrecimento.'» (p. 56.) O ponto culminante deste desafio com que o sujeito poético se confronta é a interpelação directa da morte, em lugar de a temer impotentemente ou de procurar mascarar os seus efeitos devastadores: «Aviso-te, velhaca, mais uma vez: / mete-te com os da tua laia, ladra, / que me levaste da mesa os copos / por onde bebia e deixaste na alma / as cadeiras frias. Arrepende-te, Morte, / e devolve-me as veias, os amigos, / as sementes de papoila. [...] // Fazes-me isso, e perdoo-te o resto. Mas / se torno a ver-te a menos de quinze passos / dos meus — eu juro que te mato.» (p. 63.) Contudo, será que o destino da viagem de Ulisses é atingido, ao chegar a «Ítaca e o Resto» pela mão de José Miguel Silva? Será que consegue recuperar «a estrela de xerife, / as rodas laterais / da primeira bicicleta» (p. 51)? A resposta imediata teria de ser negativa, pois a realidade superada limita-se a ceder lugar a uma outra realidade igualmente decepcionante, como num jogo de espelhos: «Vales, ravinas, desertos, / e fins de semana, livros a mais, / amigos a menos, noites / de fumo, de corpos alheios, / de novo ravinas, desertos / e vales — eu nunca pensei / que fosse tão longe e que fosse / tão pouco a felicidade» (p. 70). No entanto, o que Ítaca encerra — e faz a viagem valer a pena — é a recuperação da proximidade dos outros, expressa até na invocação de vozes como as de Carlos Luís Bessa, Manuel de Freitas, Renata Botelho, Ana Paula Inácio ou Joaquim Manuel Magalhães (para citar apenas exemplos portugueses), que servirão de outros tantos pontos de fuga na perspectiva original de José Miguel Silva. Proximidade dos outros que se prende, acima de tudo, com «esse modo de durar / que só amar ensina» (p. 52) e que permite ganhar, mesmo que temporariamente, à morte: «E a morte, à medida que te despes, / vai perdendo o nosso número de telefone.» (p. 71.)

Ao fazer um balanço do percurso realizado neste segundo livro de José Miguel Silva, há que situá-lo entre dois limites — o mundo em que o homem anda à deriva e os outros horizontes que o esperam ao virar da página. São esses, aliás, os limites (ou os infinitos) que a belíssima capa de Vera Pinto ilustra, nessa mistura de azuis entre o mar sulcado por Ulisses e o céu da Ítaca por atingir. Porque neste *road book*, a chegada a Ítaca marca apenas o reacender do desejo de uma nova partida, como sugere o aliciante poema final: «Com quatro cadeiras e um lenço de mão / já faço um batel para as ondas levarem.» (p. 79.) E apetece, sem dúvida, continuar a acompanhar José Miguel Silva nesta sua «vocação para o caminho» (p. 53).

Inês Dias

CARLOS ALBERTO MACHADO

VENTILADOR

Col. Clássicos do Futuro

Espinho, Elefante Editores / 2000

Já conhecíamos Carlos Alberto Machado enquanto poeta pelo livro *Mundo de Aventuras* (Ataegina, 2000), mas *Ventilador* veio confirmar-lhe a importância. A sua é, antes de mais, uma poesia feita do/no quotidiano, aspecto sublinhado, de certo modo, pelo formato original em que a editora apostou para a colecção; como se fosse um livro de facturas, um inventário de «coisas soltas como o dia» (p. 39) ou de «imagens vindas dos dias», para utilizar a expressão de Ruy Belo, um dos autores de quem Carlos Alberto Machado parece mais próximo. Porém, se o primeiro livro nos falava dessas mesmas minudências representando um tempo de ilusões (em que os ratos assumiam o estatuto de guerreiros e a literatura ainda detinha o poder de nos manter acordados a sonhar), corresponde já a um tempo de pós-ilusões. Logo no início, um poema coloca-nos perante um rotundo «não me iludo» (p. 6), a apontar para aquilo que Carlos Alberto Machado designará, numa secção do livro, por «Mapa de Desencontros» — uma série de marcas da transformação que se operou no olhar do sujeito no sentido do «desemprego» (p. 34), do «despovoamento» (p. 34), do «desalento» (p. 35), da «decomposição» (p. 45). Encontramo-nos, assim, em pleno processo de desinvestir um mundo do encanto que nele havíamos depositado, entretanto gasto ou simplesmente banalizado pela repetição, pela tirania do «recomeçar tudo» (p. 39), «mais / uma / vez» (p. 34). E não há domínio que escape a este desencanto, que alastra do social ao político, contaminando ainda o sentimental e, inevitavelmente, o literário. Sintomática, aliás, do último aspecto é a atitude perante a escrita («estas palavras delidas como as carnes / corrompidas nas bancas do Mercado Velho / quero desfeiteá-las uma a uma arrancar-lhes / esperanças sonhadas embebê-las em venenos», p. 44) e o seu resultado: «um livro repleto / de palavras amestradas / pra oferecer no Natal / ou isso ou umas peúgas» (p. 46).

Não podemos, contudo, esquecer que o sujeito se encontra entre o «fim do mês e da vida» (p. 4), ou seja, que essa sequência de pequenos lutos provisórios a que o quotidiano o vai obrigando se inscreve numa angústia ou preocupação maior, a do tempo que se esgota. De facto, também a dita eternidade se viu sujeita, na poesia de Carlos Alberto Machado, a um movimento semelhante de redução desapaixonada: «Olhamos o amor e a morte / desdobrando-se no tempo / nas rugas das suas estações / demasiado tempo mantemos / a ilusão de uma diferença / mas o tempo comprime-se / naquele momento breve» (p. 32). É a morte que se faz anunciar ao ritmo das baixas que nos cercam: «Chegaste à idade da morte / dos teus amigos também agora / começas a distingui-los / cai um e depois outro» (p. 33). É a morte ainda que se deixa encenar no conjunto de poemas *policiais* «A Minha Mão Acariciando», um só tema com variações — morte a tiro, morte à facada, morte com veneno, morte por estrangulamento... No fundo, matar alguém funciona, aqui, como suicídio mediado («saber do meu gozo de cada segundo / dessa hora como a hora da minha morte», p. 23), que acabará mesmo por acontecer: «A meio do caminho pensaste / não há nada importante / para vos dizer agora / (um salto longo e sem gritos, / não há hipótese de Deus pensei) / depois só os teus restos no chão / tiveram alguma eloquência» (p. 38). Retomando, ainda que de passagem, a aproximação a Ruy Belo, seríamos tentados a lembrar o poema «Vício de Matar», em que billy the kid, até encontrar o seu próprio fim, «Persegue a morte na pessoa de outros / quando era nele que ele a devia afinal perseguir» (*Obra Poética de Ruy Belo*, vol. 1, Lisboa, Editorial Presença, 1981, p. 150). Por outras palavras, o sujeito sabe que o seu «tempo está a chegar ao fim» (p. 43), que deve ensaiar a morte, de modo a aprender a recebê-la: «agora deixo o coração livremente / entristecer-se sem nada que o prenda / desligar-se a pouco e pouco da terra» (p. 7). O modelo paradigmático desta espera da morte seria, em *Ventilador*, a voz nocturna com que deparamos num poema muito próximo do último monólogo dramático de Carlos Alberto Machado incluído em *Transportes & Mudanças* (Frenesi, 2000); uma voz «ocupada em desvendar as manchas do tecto» (p. 8), sem se preocupar excessivamente com o que a rodeia.

Ao futuro, poderíamos fazer corresponder uma outra figura, a da filha, que representa um prolongamento das perguntas sem resposta do sujeito: «os olhos abertos da minha filha / esperam por saber como perguntar / o teu pai filha ainda espera respostas / ou como construir as perguntas certas» (p. 4). Face a esse futuro literalmente posto em causa, esgotado ou precocemente reduzido às suas dimensões quotidianas, resta ainda tentar resistir pelo exercício da memória, que vai conseguindo resgatar objectos e gestos ao tempo. O que transforma a escrita, essa *contabilidade* da memória, numa espécie de crime, de guerrilha, de quase terrorismo contra o esquecimento. Na p. 45, diz-se: «Datas todos os teus poemas / mas omites a hora e o local / exactos / como nos crimes». Como nos crimes que Carlos Alberto Machado comete na sua poesia, roubando o tempo e antecipando-se à morte, tendo o leitor como cúmplice privilegiado.

Inês Dias

MARIA ANDRESEN DE SOUSA

LUGARES

Col. Poesia

Lisboa, Relógio d'Água Editores / 2001

«E assim demos nomes / ao capricho de uma floração imaginosa / formas e ecos de paragens e passagens / surpreendidas e guardadas // Nomes que são da carne o tempo / sinapses, filamentos / por onde se enredam rostos, vias / que em nódulos ou charcos / o sangue congemina» (p. 68). Este excerto poderia constituir uma espécie de emblema da arte poética de Maria Andresen de Sousa: dar sempre provisoriamente nome à figuração *caprichosa* de um ponto do mundo, ao momento ou coisa, ou momento de uma coisa, que se ergue e se deixa enquadrar a si mesma perante a visão; coisa crescendo, não trazendo consigo ainda nome, nem o podendo a seguir legar, tornando final e intemporalmente presente o seu ser refractário. Dar nome é acima de tudo a possibilidade de dar nome, fazer da carne o tempo e do tempo a luz. Porém, a nomeação é irrenunciável. «Florações» que não presentificam, mas deixam marcas da sua passagem. «Nódulos» que ficaram suspensos, coágulos que não cessam de ecoar «paragens e passagens / surpreendidas e guardadas». E aí nesse rasto insubstancial onde reverbera o sangue e de onde escorrem nocturnamente as águas, (re)nascem os rostos, (re)distribuem-se imaginosamente as ligações, realinham-se as sinapses, desembainha-se o tempo, e não se distingue o espaço com que se escrevem estes poemas.

A poesia de Maria Andresen de Sousa faz-se num léxico abstracto, retraindo a carne e a carga metafórica. Por vezes, a leitura é indecidível. Por um lado, a literalidade quase absoluta, o mundo como que disposto em parcelas a uma pintura, rarefeita, de fragmentos intensivos, maximizando pequenas percepções que ganham o espaço todo, encarnam, e o tornam irreal por desmesu-